

**101% AUTORAL: NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA DA DOCÊNCIA NO IFSP À
FORMAÇÃO DA BANDA MEIA BOCA**

**101% AUTORAL: NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA DE LA DOCENCIA EN EL IFSP
A LA FORMACIÓN DE LA BANDA MEIA BOCA**

**101% ORIGINAL: (AUTO)BIOGRAPHICAL NARRATIVE FROM TEACHING AT IFSP
TO THE FORMATION OF BANDA MEIA BOCA**



Ivan FORTUNATO¹
e-mail: ivanfirt@yahoo.com.br

Como referenciar este artigo:

Fortunato, I. (2026). 101% autoral: narrativa (auto)biográfica da docência no IFSP à formação da Banda Meia Boca. *Revista on line de Política e Gestão Educacional*, 30, e026054. <https://doi.org/10.22633/rpge.v30i00.21159>



| Submetido em: 18/05/2026
| Revisões requeridas em: 22/05/2026
| Aprovado em: 19/06/2026
| Publicado em: 25/06/2026

Editor: Prof. Dr. Sebastião de Souza Lemes
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Itapetininga – São Paulo (SP) – Brasil. Doutor em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades (FFLCH/USP, 2022). Doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (IB/UNESP, 2018) e Doutor em Geografia (IGCE/UNESP, 2014). Professor de Educação/Pedagogia.

RESUMO: O artigo discute a articulação entre docência, cidadania e criação musical no IFSP Itapetininga, destacando a trajetória que culminou na formação da Banda Meia Boca durante a pandemia de covid-19. O objetivo é investigar como a integração entre vida docente, prática cidadã e expressão artística gera processos que transcendem a formação convencional. Por meio da narrativa (auto)biográfica, reconstrói-se o percurso do autor para interpretar os sentidos produzidos na experiência musical coletiva. A análise indica que esse processo é impulsionado tanto pela criação como expressão de si quanto pelo convívio na banda, fortalecendo vínculos e identidades. A narrativa evidencia, por fim, a potência da escrita de si para revelar a inseparabilidade entre vida, ensino e educação crítica, ampliando a compreensão dos espaços formativos na docência.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa (auto)biográfica. Formação docente. Música popular.

RESUMEN: El artículo analiza la articulación entre docencia, ciudadanía y creación musical en el IFSP Itapetininga, destacando la trayectoria que culmina en la formación de la Banda Meia Boca durante la pandemia de covid-19. El objetivo es investigar cómo la integración entre la vida docente, la práctica ciudadana y la expresión artística genera procesos que trascienden la formación convencional. A través de la narrativa (auto)biográfica, se reconstruye el recorrido del autor para interpretar los sentidos producidos en la experiencia musical colectiva. El análisis indica que este proceso es impulsado tanto por la creación como expresión de sí mismo como por la convivencia en la banda, fortaleciendo vínculos e identidades. Finalmente, la narrativa evidencia la potencia de la escritura de sí para revelar la inseparabilidad entre vida, enseñanza y educación crítica, ampliando la comprensión de los espacios formativos en la docencia.

PALABRAS CLAVE: Narrativa (auto)biográfica. Formación docente. Música popular.

ABSTRACT: The article discusses the link between teaching, citizenship, and musical creation at IFSP Itapetininga, highlighting the trajectory that culminates in the formation of Banda Meia Boca during the covid-19 pandemic. The objective is to investigate how the integration of teaching life, civic practice, and artistic expression generates processes that transcend conventional training. Through an (auto)biographical narrative, the author's path is reconstructed to interpret the meanings produced within the collective musical experience. The analysis indicates that this process is driven both by musical creation as a form of self-expression and by the collective bond within the band, strengthening relationships and identities. Finally, the narrative underscores the power of autobiographical writing to reveal the inseparability of life, teaching, and critical education, expanding the understanding of formative spaces in teaching.

KEYWORDS: (Auto)biographical narrative. Teacher education. Popular music.

Um... dois... Um... dois... três...!

Este artigo é uma narrativa (auto)biográfica da criação da Banda Meia Boca, no ano de 2021, tendo como aporte fundamental circunstâncias formativas específicas, vividas na educação superior no e com a infraestrutura do campus do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), campus Itapetininga. O texto emerge da necessidade de registrar a memória de um grupo musical que, gestado nas tessituras complexas da formação superior, revela a potência educativa de experiências que ultrapassam os limites curriculares formais.

A opção metodológica pela escrita (auto)biográfica se ancora em uma perspectiva que reconhece o valor formativo da narrativa de si, entendendo-a como modo legítimo de produção de conhecimento em educação (Nóvoa & Finger, 2014; Josso, 2020). Essa perspectiva encontra respaldo em pesquisas que tomam a narrativa (auto)biográfica como dispositivo epistemológico e formativo (Passeggi & Souza, 2008; Delory-Momberger, 2016), legitimando a escrita de si não apenas como testemunho, mas como criação de conhecimento situado.

Pode-se dizer que este artigo é uma narrativa *autobiográfica*, pois, tendo sido um dos seus fundadores, a história da Banda se mistura com minha própria história como docente e pesquisador do IFSP Itapetininga, mas também como cidadão itapetiningano, brasileiro, planetário. Ao mesmo tempo, é uma narrativa *biográfica* porque diz respeito à sua própria ontogênese, isto é, ao surgimento e à consolidação da identidade-existência da Banda Meia Boca enquanto sujeito coletivo com história própria. Inclusive, sujeito com perfil on-line e uma trajetória *instagramada*. Na Figura 1, a seguir, o logo da Banda que estampa seu perfil na rede social: <https://instagram.com/bandameiaboca>.

Figura 1.

Logotipo da Banda Meia Boca



Nota. Imagem circular de fundo preto contendo, em primeiro plano, o desenho estilizado de uma meia na cor cinza. Sobreposta ao centro, a inscrição “1/2 BOCA” em letras maiúsculas brancas. Ao fundo, a ilustração geométrica de uma boca aberta com lábios vermelhos e dentes brancos. Na base inferior, centralizado, consta o identificador “@bandameiaboca” em caracteres brancos menores.

Embora tenha sido concebida fora dos muros do IFSP Itapetininga, no envolvimento direto com um lugar cultural pioneiro de economia criativa do município², a concretização do projeto da Banda só foi possível graças ao trabalho pedagógico desenvolvido no curso de Licenciatura em Física. Um trabalho pedagógico que não se limita às ementas curriculares: manifesta-se na abertura a experiências formativas ampliadas, no incentivo à criatividade e na valorização de iniciativas culturais que se relacionam com a vida individual e coletiva.

Eis, então, a oportunidade de enunciar o objetivo deste escrito: estabelecer o IFSP Itapetininga como lugar de formação acadêmica e cidadã, mas também de criatividade e cultura. Metodologicamente, a narrativa (auto)biográfica é desenvolvida por meio de uma triangulação de vértices subjetivos: (I.) eu-docente, (II.) eu-cidadão, (III.) eu-músico. No centro desse metafórico triângulo pulsa a Banda Meia Boca, força unificadora dessas identidades que, na complexidade vivida, se entrelaçam. Do lado de fora do triângulo, os alcances incontáveis de uma sonoridade que almeja ser reconhecida como a legítima expressão de um professor que segue esperando por um mundo melhor.

Dessa forma, o artigo se desdobra em três seções, cada uma dedicada a um desses metafóricos vértices. Primeiro, ainda que *en passant*, abordo meus primeiros 11 anos de docência no IFSP Itapetininga, majoritariamente nos cursos de formação de professores de Física, de Matemática e na formação pedagógica para bacharéis e tecnólogos. Em seguida, apresento os resultados mais recentes das minhas pesquisas sobre educação, docência e decolonialismo. Por fim, trago a gênese da Banda Meia Boca no e com o IFSP Itapetininga.

Ao final, espera-se que, ao evidenciar a importância fundamental da instituição na criação e evolução da Banda Meia Boca, fique demonstrado como o trabalho pedagógico desenvolvido na formação docente em Itapetininga contribui para uma educação plena de toda a sua comunidade. Educação que, intrinsecamente, envolve razão, emoção, afetividade, cidadania, profissionalismo e coletividade em um todo complexo, vivo e permanente.

² Trata-se da casa colaborativa Cazulo, em funcionamento em Itapetininga entre 2021 e 2024, laureada com o prêmio municipal Teddy Vieira de Cultura, em 2022, e com o prêmio de Ponto de Cultura, pela lei Aldir Blanc, em 2024.

VÉRTICE PRIMEIRO: EU-DOCENTE

Ao escrever a narrativa deste vértice, no último quartil de 2025, já somo mais de 11 anos como professor formador de professores em Itapetininga. Em escritos anteriores, já narrei minha trajetória formativa e os caminhos profissionais percorridos até a docência, em regime de dedicação exclusiva, no Instituto Federal de São Paulo (Fortunato, 2025; 2022; 2021; 2020; 2018; 2017). Aqui, recordo que fui nomeado como professor de Educação/Pedagogia no mesmo dia em que a Universidade Estadual Paulista (UNESP) homologava meu título de doutorado em Geografia: 15 de julho de 2014. Cerca de 20 dias depois, iniciava o exercício no magistério, com a disciplina de Prática Docente, no curso de Licenciatura em Física.

Nesses 11 anos, conforme analisado em um texto que recupero duas décadas depois de licenciado em Pedagogia, pude identificar quatro fases do meu próprio trabalho docente no IFSP (Fortunato, 2025). A fase inicial, reconheço, foi a *fase tradicional*. Afinal, ao entrar pela primeira vez em sala de aula, tudo o que tinha para modelar minha prática pedagógica eram décadas de estudo formal, da pré-escola ao doutorado, como estudante de aulas formatadas pelo que se convencionou chamar de *tradicional*. Como registrado no texto anterior, esse modelo de educação formal era, para mim, paradoxal, insuficiente e até mesmo *repulsivo*, levando-me a negar a docência como ofício por anos, antes de ingressar como professor no IFSP.

Em linhas gerais, essa tradicionalidade se caracteriza pela centralidade do docente na regência do currículo e pela expectativa de que o coletivo discente aprenda o que lhe é transmitido. Periodicamente e ao final de um ciclo, uma avaliação mede o quanto foi apreendido por cada discente. Sempre que há essa triangulação docente-currículo-discente, seguida de instrumentos de aferição, o ensino é *tradicional*; seja o modelo de regência o da oratória ou o das (supostamente inovadoras, mas já centenárias) metodologias ativas.

Foi exatamente assim que iniciei o trabalho no magistério da educação superior: a ementa era o documento norteador, a partir do qual me apropriava de seu conteúdo e desenvolvia estratégias de transmiti-lo ao alunado. Pouco importava se tal conteúdo se inseria na vida das pessoas envolvidas, incluindo minha própria perspectiva sobre educação, escola e sociedade.

Ao perceber que estava justamente reproduzindo o modelo que havia rejeitado, reconheci a necessidade de uma ruptura. Foi nesse momento que decidi me aventurar por caminhos até então conhecidos apenas na literatura acadêmica. Uma literatura marginal, formada por nomes que não fizeram parte do rol de autores que me foi apresentado no curso de

Pedagogia, tais como Alexander S. Neill, cuja escola de Summerhill radicaliza a proposta de liberdade como princípio educativo, e Paul Goodman, que denunciava a escolarização obrigatória como processo de desumanização. Em diálogo com essas perspectivas, Célestin Freinet e Rubem Alves ajudaram-me a vislumbrar a educação como espaço de invenção e de sensibilidade, rompendo com os limites de uma didática exclusivamente transmissiva.

Ancorado em suas ações progressistas, passei a promover um ensino baseado diretamente em realidades concretas de lugares de educação da cidade de Itapetininga: escolas das redes estaduais e municipais, de ensino regular ou técnico; ONGs de educação e cultura, museus, Fundação Casa e centro de detenção. Foi nesse movimento que se inaugurou a fase que denominei *extensionista*.

Nessa fase, desafios concretos de lugares de educação eram levados para a sala de aula, debatidos e realizados planejamentos de ações que eram efetivamente desenvolvidas em campo. Foram diversas e variadas intervenções realizadas nesses distintos locais, desde atividades lúdicas de ciências e aulas de reforço escolar, até palestras sobre estudos técnicos e universitários ou mesmo sobre o mundo do trabalho. Houve atividades de educação ambiental, de uso de computadores e de formação continuada de professores. Até mesmo cursos e práticas de meditação e de educação para a paz.

Essas variadas atividades edificaram inúmeras relações afetivas com os lugares da educação da cidade e com os estudantes das licenciaturas, transformando relações de ofício em relações afetivas de amizade. Contudo, esse movimento foi interrompido de maneira abrupta pela pandemia de covid-19, que impôs a migração compulsória para a *fase remota* de ensino. Essa fase perdurou até o final do isolamento social, por ocasião da vacinação ampla da população.

Com o retorno às atividades presenciais no primeiro semestre de 2022, abriu-se um momento de recomeço. Mais do que lições, emergiram questionamentos trazidos pela experiência pandêmica, que passaram a orientar os diálogos com os estudantes das licenciaturas. Inquietações sobre a humanidade, sobre a vida na Terra e sobre o papel da docência nessa trama complexa tomavam parte das disciplinas como elemento central: o que teríamos aprendido com a pandemia? O que mudamos? O que deveríamos ter mudado? O que devemos cuidar na vida?

Nesse sentido, os diálogos formativos passaram a envolver a vida por completo, dentro e fora da sala de aula, correlacionando-se ou não com a ementa, mas com as pessoas. É a fase

atual de trabalho, a que chamo de *fase circunstancial*, pois acredito que a educação tem a ver com as circunstâncias que nos envolvem e que mobilizam a vida.

As primeiras anotações sobre esta fase foram feitas de forma incipiente em dois textos anteriores (Fortunato, 2023a; 2023b) e, embora ainda esteja em elaboração, introduzem o conceito de Didática Circunstancial que (des)organiza o trabalho pedagógico. Isso diz respeito a uma Didática que se orienta pelas circunstâncias vividas em vez de planos previamente elaborados e orientados sem a presença das pessoas que a eles se submetem, docentes e discentes. Assim, diferentemente da fase primeira de trabalho no ofício, realizada de forma tradicional, centrada no cumprimento da ementa e na avaliação, ou da fase extensionista, marcada pela intervenção em espaços externos, a Didática Circunstancial emerge do aqui e agora, tomando as situações vividas, os sonhos, as esperanças... como elementos fundantes da formação.

Trata-se de uma Didática orientada por duas perguntas fundantes:

(I.) o que podemos fazer para que nosso tempo, aqui neste Instituto, nesta sala de aula, seja prazeroso, divertido e significativo?” e (II.) o que vamos fazer neste semestre que pode nos ensinar alguma coisa e como vamos atender às exigências de nosso regimento didático? (Fortunato, 2023b, p. 2)

Em essência, a Didática Circunstancial propõe que a educação se articule com a vida concreta dos envolvidos, mobilizando aprendizagem, afetos e experiências de forma integrada e responsiva às situações. E, desde o retorno às atividades presenciais pós-pandemia, essa circunstancialidade tem sido vivenciada e, ao mesmo tempo, (re)elaborada epistemologicamente, com a esperança de que seja algo muito mais amplo e profundo do que apenas um devaneio pedagógico. Dessa forma, a fase circunstancial não representa um ponto de chegada definitivo, mas um processo em constante elaboração.

Assim, encerrar este vértice não é apenas concluir uma etapa. Isso porque, ao narrar novamente este percurso da docência, que me é tão caro, reconheço outras dobras, novas rupturas e recomeços que me constituem como educador. É desse movimento que se projeta o vértice seguinte: o eu-cidadão, em que docência, pesquisa e a própria existência se entrelaçam como compromisso com a humanidade.

VÉRTICE SEGUNDO: EU-CIDADÃO

Ao iniciar a narrativa deste vértice, penso: ser docente, ser pesquisador, ser cidadão e simplesmente ser são elementos indissociáveis. Isso porque não me reconheço como sujeitos distintos no magistério, na vida coletiva e na vida particular: não consigo conceber a existência de uma outra persona, apartada de quem ensina, pois se trata de uma dimensão que se enraíza no mesmo corpo que vive, leciona e se compromete com a busca de outro mundo, quiçá mais humanizado.

No entanto, essa compreensão não é algo que me acompanha desde sempre, pois tem sido construída no próprio chão da docência, marcada pelas fases delineadas na seção anterior, que vão transformando o *quefazer* cotidiano no magistério. Fato é que uso termos de Freire na docência ciente de que “citar Paulo Freire não é *Ser Freiriano!*” (Fortunato, 2024, p. 150). Isso implica compreender o quefazer como uma categoria fundamentalmente crítica e de atitudes, rejeitando o fatalismo e buscando, de fato, o que fazer para transformar (Zitkoski & Streck, 2008, p. 339).

De modo análogo, a reflexão sobre o quefazer docente passou a orientar também meu trabalho de pesquisa, que foi se transformando ao longo dos anos de ofício no IFSP. Pensava, quando iniciei a formação de pesquisador na pós-graduação, que a produção do conhecimento exigia um tom erudito, sustentado pela articulação rigorosa entre conceitos, dados e análises, de modo a conferir solidez e legitimidade ao texto científico. Acreditava que esse esforço de coesão interna era o principal critério de validação do saber, como se apenas a densidade conceitual e a linguagem especializada fossem capazes de garantir seu valor acadêmico.

Mas o cotidiano vivido na formação docente foi me revelando outra face da pesquisa: a da experiência do próprio cotidiano. Pesquisar o vivido como forma de compreender para transformar. Redescobri Paulo Freire e Rubem Alves, tomando-os como referências de crítica, libertação, humanização e ousadia. Fortaleci minhas leituras de Célestin Freinet e sua escola moderna progressista. Visitei Summerhill, no interior da Inglaterra, que é a escola democrática mais antiga do mundo ainda em funcionamento. Conheci os livros de Paul Goodman e a sua ideia de deseducação obrigatória e de Everett Reimer, cujas denúncias de uma escola morta me ajudaram a entender como o sistema neoliberal efetivamente se apossou da educação escolar (Fortunato, 2023a).

Formei alianças basilares no campo da pesquisa educacional, tomando parte na perspectiva decolonial (Fortunato & Rodríguez, 2024; Rodríguez & Fortunato, 2024), e

descobri que há uma docência do aconchego, que vem do fundo do coração (Araújo et al., 2023; Fortunato et al., 2024).

Minhas pesquisas, hoje, caminham por trilhas que se entrelaçam, sem hierarquias rígidas, mas com um compromisso ético e político com a transformação da educação. Investigo a didática como campo de criação e resistência, refletindo sobre a formação docente e as práticas pedagógicas que ousam romper com a lógica da reprodução e se abrem à emancipação. Nessa caminhada, interesse-me profundamente pelas epistemologias críticas, decoloniais e do Sul, que nascem do chão da experiência, das margens e das ausências historicamente silenciadas.

Também volto o olhar para as políticas educacionais, entendendo-as como campo de disputas entre projetos societários antagônicos, nos quais a racionalidade neoliberal tem corroído sentidos e finalidades da educação. Por isso, repensar as metodologias de pesquisa em educação tornou-se indispensável: é preciso investigar com os sujeitos, e não sobre eles; escutar mais do que classificar; cultivar perguntas mais do que aplicar respostas. É nesse horizonte que a pesquisa se faz com rigor e como gesto de cuidado, como resistência contra a opressão e como reinvenção da esperança na própria humanidade.

É por isso que, para mim, ser docente, ser pesquisador e ser cidadão não são dimensões separadas, mas expressões entrelaçadas da própria existência e de um mesmo compromisso ético com o mundo. A pesquisa que nasce do cotidiano, a didática que se faz crítica e a formação que aposta na emancipação são práticas profundamente cidadãs, pois se orientam pela escuta, pelo diálogo, pela denúncia das injustiças e pela reinvenção da educação.

Assim, ser cidadão é ser inteiro. Ou seja, é não fragmentar a vida: professor de um lado, pesquisador de outro, pessoa em casa. Trata-se de reconhecer que o mesmo corpo pensa, sente, age, ensina e luta. Ser cidadão, nesse contexto, não é cumprir formalidades institucionais, mas afirmar uma presença no mundo que recusa a neutralidade e escolhe, cotidianamente, estar ao lado da vida. É no magistério vivido com inteireza, na pesquisa feita com o outro e não sobre o outro, que descubro um modo de ser que se compromete, que se engaja e que transforma.

Esse modo de ser que entrelaça docência, pesquisa e cidadania às vezes ressoa nos estudantes. Ao se encontrarem em uma formação marcada pelo afeto, pela escuta e pelo desejo de transformação, muitos passam a experimentar outras formas de engajamento, a pensar criticamente suas práticas e a produzir sentidos para além dos currículos prescritos. Essa mobilização coletiva, que pode ser compreendida como um ato de esperar freireano, por ser

nascida do cotidiano e alimentada pela utopia, ocasionalmente transborda para outras linguagens e territórios.

Nesse sentido, ao longo dos anos de efetiva prática no ofício do magistério, houve um momento no qual a mobilização transbordou da sala de aula para a vida, encontrando na arte um espaço de expressão. Nela, a música tornou-se veículo de transformação. Foi nesse contexto que a experiência estética e política que me atravessa como educador encontrou, na música, um novo canal de expressão: o rock. Primeiro como sensibilidade pedagógica, depois como prática estética e, finalmente, como expressão política.

Como apontam Fantin e Alves dos Santos (2021), o rock não é apenas gênero musical, mas linguagem midiática, atitude e estilo de vida, que se expressa pela divergência e pela pluralidade de visões de mundo. Segundo os autores:

o rock, como as correntes de convecção que ajudam a equilibrar a temperatura, pode ajudar a “equilibrar” as divergências e convergências no ambiente pedagógico, orientando posturas e pensamentos que podem inclusive chacoalhar o sistema. (Fantin & Alves dos Santos, 2021, p. 140)

Do mesmo modo, Snyders (1994) observa que o rock não se limita ao prazer momentâneo ou à função recreativa, pois se configura como um estilo de vida que molda atitudes e aspirações, articulando-se com valores culturais e com o desejo de encontrar significado e alegria pessoal. Ao mesmo tempo, explica o autor, o gênero se distingue de músicas leves ou medíocres, apresentando uma ambição estética e social capaz de responder ao “mal de viver” e de atuar como um grito de afirmação, sugerindo também a possibilidade de transformação e da construção de novos caminhos.

Essa perspectiva ajuda a compreender como minha docência e minha cidadania se entrelaçam à música como expressão de crítica, de contestação e de criação. Isso leva a compreender que a gênese de uma banda de rock no ensino superior não foi um acaso ou um desvio, mas uma extensão sonora da mesma ética que sustenta meu trabalho na sala de aula, na pesquisa e no modo de ser no mundo: a recusa da neutralidade, o impulso criador, a coragem de denunciar e anunciar e a celebração da vida.

VÉRTICE TERCEIRO: EU-MÚSICO

Importante iniciar a narrativa deste vértice afirmando que não sou músico de formação, muito menos herdeiro de um suposto dom divino. Muito pelo contrário, pois pouco conheço essa arte que me encanta. Praticamente nada sei a respeito de escalas, acordes, melodias, ritmos e harmonias. Por outro lado, descobri, ocasionalmente, que consigo fazer música. Essa experiência pessoal, embora intuitiva e despretensiosa, me levou a perceber que a música possui um valor que vai muito além da técnica, sendo estética, existencial, formativa e política — características que também são fundamentais à docência.

Como sugerem Freitas e Martins (2024), a música e as artes no geral podem ser experiências formadoras que promovem coletividade, expressividade e pertencimento cultural, contrapondo-se à alienação de uma vida cada vez mais robotizada e mecanizada. Do mesmo modo, Santos (2018) ressalta que a música contribui para a formação integral do indivíduo, favorecendo sociabilidade, cooperação e valores culturais. Essa perspectiva dialoga com Snyders (1994), que reconhece a alegria estética da música como dimensão inseparável da educação.

Essas ideias dialogam com o que vinha experimentando em sala de aula: uma docência que ultrapassa conteúdos e se abre para perspectivas outras, mais correlacionadas com a vida em si.

Tudo isso acabou se misturando com um momento sombrio da nossa existência no mundo quando, no início do ano letivo de 2020, fomos acometidos pela pandemia da covid-19 que, dentre outros efeitos, nos afastou fisicamente uns dos outros como medida sanitária. Foi, então, durante o período mais agudo de distanciamento social da pandemia de covid-19, isolado do mundo, mas cercado de arte e de pessoas incrivelmente brilhantes, criativas, resilientes e resistentes (na já mencionada casa colaborativa Cazulo), que descobri algo inesperado. Os acordes elementares que havia aprendido no violão duas décadas antes poderiam ser combinados para musicalizar versos sobre o que vivíamos cotidianamente no isolamento.

Assim, ao acaso, diversas letras foram escritas e, com muita dificuldade, acordes de inspiração do rock soteropolitano de Raul Seixas e do grupo brasileiro Raimundos foram incorporados, criando os primeiros rascunhos que mais tarde se tornariam músicas.

Essa passagem dos rascunhos para a forma musical contou com a parceria de um estudante da licenciatura em Física, cuja pesquisa de Iniciação Científica eu orientava no IFSP. Como nossos diálogos iam além da formalidade acadêmica, eu já conhecia sua afinidade com

a música, fruto de uma formação prévia em projetos socioculturais e de experiências anteriores em bandas. Foi nesse contexto que pedi sua colaboração para organizar melhor os acordes iniciais, elaborar linhas de baixo e expandir a harmonia das composições.

Enquanto a construção das músicas ganhava corpo, surgiu também o reencontro com um ex-estudante da mesma licenciatura, com trajetória musical marcada pelo estudo da percussão em projetos comunitários da região. A partir de nossas conversas, amadureceu a ideia de transformar em rock as melodias em elaboração, proposta que foi acolhida de imediato e que consolidou a transição da experiência individual para um processo criativo coletivo.

Mesmo assim, havia um grande obstáculo: não tínhamos local, instrumentos ou equipamentos para formar a banda. Foi então que o IFSP se revelou mais do que o espaço onde nos conhecemos e estabelecemos uma relação amistosa além da sala de aula. Na instituição, havia amplificadores de guitarra e contrabaixo, além de caixas de som. Já existia, inclusive, uma banda formada por professores da licenciatura em Física, que gentilmente nos emprestou sua bateria. Por fim, devido ao já mencionado e lamentável isolamento social imposto pela pandemia, não havia aulas nem circulação contínua de pessoas no campus, o que transformou o IFSP em espaço de ensaio e criação musical.

Tivemos, assim, nossa primeira tentativa de tocar algumas músicas no final de julho de 2021, em uma sala de aula que, como todas as demais, estava vazia por conta do modelo emergencialmente remoto da pandemia.

Ao longo dos meses de agosto a dezembro de 2021, ocupamos vários espaços do campus vazio. Refinamos a harmonia e a melodia das músicas e até mesmo fizemos uma composição conjunta, chamada *MusiFísica* (disponível nas plataformas de música a partir de junho de 2026), homenageando o curso que nos uniu. Inclusive, essa música tornou-se uma espécie de hino afetivo da nossa trajetória compartilhada, sintetizando em sua letra o espírito irreverente, crítico e comprometido que marca tanto o curso de Licenciatura em Física quanto a própria Banda Meia Boca.

Pode-se dizer que esse processo de composição e ensaio não se tratava apenas de fazer música, mas de construir coletivamente sentidos, de experimentar linguagens e de reafirmar vínculos fraternos e institucionais forjados na potência da criação das canções, combinando a experimentação de sons com letras do cotidiano vivido.

Como destacam Vieira e Henning (2012), o rock é uma expressão artística capaz de transformar gerações, rompendo com padrões conservadores e clamando por mudanças sociais. Essa dimensão ficou evidente na gênese da Banda Meia Boca, em que os ensaios e as

composições se tornaram também gestos políticos, ao desafiar padrões e propor reflexões críticas, e pedagógicos, na medida em que promoveram aprendizagens coletivas e criativas.

Nesse sentido, a prática musical não apenas nos permitiu criar sons, mas também reinventar modos de docência que vão além de ensinar e aprender. A coletividade dos ensaios e a autoria das composições mostraram-se experiências pedagógicas que dialogam com uma educação emancipatória e libertária, que são categorias de uma pedagogia freireana.

Além disso, a própria identidade sonora da Banda foi atravessada por uma estética próxima ao punk rock, pois os compassos, os versos e os acordes eram elaborados por inspiração de pioneiros da cena, como a já referida banda Raimundos, de Brasília, e as célebres bandas da Grande São Paulo, como Ratos de Porão e Garotos Podres. Como lembra Marcos (2020), o punk surgiu como subversão aos modelos musicais predominantes, valorizando o lema do faça você mesmo, mesmo sem instrumentos caros ou formação técnica refinada.

Esse espírito também atravessou a Meia Boca, que desde o início assumiu o compromisso de tocar apenas composições próprias, mesmo sem toda a técnica e os conhecimentos necessários para a música. Nesse aspecto, há um diálogo próximo com o que Silva (2025) observou na cena punk paulista: riffs simples e repetitivos, batidas aceleradas e uma sonoridade crua que reforçam a urgência da mensagem. Dessa forma, a Banda Meia Boca também se aproxima dessa estética ao assumir sua identidade através da música autoral simples e com várias repetições de refrão, mas que podem carregar significados profundos.

Ainda, ao reconhecer esse potencial expressivo, França (2012, p. 74) lembra que o rock é um gênero “empolgante e de grande impacto emocional e expressivo”, capaz de dialogar com o repertório das aulas e aproximar escola, vida e cultura. Essa perspectiva reforça como as práticas formativas vivenciadas no IFSP podem incluir linguagens artísticas populares, aproximando escola, vida e cultura.

Além de reunir os integrantes fundadores e servir como espaço de ensaio e criação, o IFSP Itapetininga também acolheu importantes apresentações da recém-criada Banda Meia Boca. Em 2022, com o retorno das atividades presenciais após a ampla vacinação da população, ocorreu a primeira edição do Geek-IF, um grande evento que reuniu cerca de 2000 pessoas entusiastas de cultura pop, tecnologia, games, ficção científica e fantasia. A banda se apresentou no palco do evento e voltou a se apresentar nas edições seguintes, em 2023 e 2024.

Ao longo desses anos, a Banda Meia Boca foi buscando consolidar sua identidade, cuja essência pode ser resumida na frase: “Rock 101% autoral, com um repertório de 30+ músicas toscas, com trocadilhos e bom humor”. Essa identidade não surgiu de imediato, pois a própria

dinâmica da vida trouxe mudanças esperadas e inesperadas, ocasionando idas e vindas dos integrantes. Hoje, no ano de 2025, fazem parte da Banda Meia Boca três pessoas: Israel Leitão, itapetiningano, advogado e contrabaixista, presente desde outubro de 2021; Nathan Chagas, também itapetiningano, baterista, músico, filho de maestro e pianista, desde maio de 2024; e eu, Ivan Fortunato, na voz e guitarra, professor desta instituição e compositor desde sua fundação.

Nesse percurso, a Banda Meia Boca foi ocupando diversos espaços culturais dentro e fora de Itapetininga, sempre com seu repertório próprio — portanto, único e espírito irreverente. Desde a estreia em 2021, tocou em vários festivais regionais, como o Weedstock e a Passeata do Rock. Esteve presente no prestigiado Festival de Inverno de Paranapiacaba e no espigão da Avenida Paulista. No começo deste ano de 2025, a energia foi canalizada para a gravação do primeiro álbum, *Isadora*, lançado em todas as plataformas digitais³. Produzido em Itapetininga, o álbum reúne 13 faixas que sintetizam a sonoridade crítica, bem-humorada e potente da banda, reafirmando seu lugar como expressão musical de um fazer educativo, poético e coletivo. Outros álbuns já estão sendo gestados.

Encerrar a narrativa deste vértice é também retornar ao ponto de partida: o IFSP Itapetininga. Foi ali, em meio ao vazio dos corredores durante o isolamento social, que se plantaram as primeiras sementes da Banda Meia Boca, germinadas a partir do encontro entre ensino, afeto e criação.

Mais do que um espaço físico, o Instituto foi o solo fértil onde a educação se fez música, vínculos acadêmicos se transformaram em parcerias artísticas e a práxis se ampliou em som, em letra, em presença. A Banda é, assim, fruto direto de uma instituição que ousa formar sujeitos críticos, complexos, capazes de ensinar, pesquisar, viver e cantar.

UM INSTITUTO, TRÊS VÉRTICES E UMA BANDA...

Como afirmei lá no prelúdio desta narrativa (auto)biográfica: no centro do metafórico triângulo formado pelos vértices eu-docente, eu-cidadão e eu-músico, pulsa a Banda Meia Boca. Foi entre formação, existência e criação que a música ganhou corpo como extensão da

³ Link para a mais famosa plataforma de *streaming* musical: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/0RycR0CuMiQOS1RLuaEyzt>.

docência e da pesquisa. Não como adereço, mas como linguagem legítima de um fazer educativo sensível, coletivo e crítico.

O IFSP Itapetininga foi o solo onde essa geometria formativa, afetiva e política começou a se desenhar, possibilitando encontros, escutas e invenções que hoje ressoam muito além da própria instituição. O campus nunca foi apenas cenário: esteve no coração de toda essa trajetória, oferecendo vínculos inesperados, liberdade criativa e uma educação que faz sentido na vida de quem a vive.

O processo, inicialmente solitário, logo contou com a parceria de estudantes do IFSP. Criar músicas deixou de ser apenas um passatempo para se tornar um gesto pedagógico: uma prática de escuta, diálogo e invenção compartilhada. O fazer musical da Banda Meia Boca materializou-se com a mesma ética que orienta meu trabalho em sala de aula: a recusa da neutralidade, a valorização da criação coletiva e a crença de que aprender e ensinar só têm sentido quando produzem vida, alegria e esperança.

A Banda Meia Boca, nascida dessas circunstâncias formativas, continua a ecoar vozes, compor afetos e mostrar que transformar o mundo é possível a partir de um ensaio, de um refrão ou de um solo improvisado. Porque educar, afinal, é isso: (re)inventar ritmos para existir. O lema “101% autoral” tornou-se um gesto pedagógico de autonomia e criação.

Assim, ousou afirmar que essa experiência musical pode ser compreendida como prática pedagógica em si mesma. Ao criar e tocar coletivamente, vivencia-se a aprendizagem como processo estético e existencial, em que afetos, vínculos e saberes se entrelaçam. Ao optar pelo “faça você mesmo”, característico da cena punk, a Banda Meia Boca traduz em música a pedagogia da autonomia.

Afinal, como bem expressaram Fantin e Alves dos Santos (2021, p. 140): “a escola e o rock apresentam uma característica comum: ambas sofrem com diagnósticos fatalistas, que de tempos em tempos decretam seu fim”. Foi justamente na esteira desse movimento de fechamento e escrita de si, após vivenciar o ofício docente, os improvisos da didática circunstancial e o nascimento da banda, que me deparei com um diagnóstico de outra natureza: a descoberta tardia de que estou no Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Dessa forma, a compreensão da neurodivergência funcionou como a peça que faltava para iluminar, em retrospectiva, toda a geometria desta narrativa. Compreender-me autista deu sentido ao meu estranhamento histórico diante das rigidezes institucionais, à minha busca quase vital pela música como território de autorregulação e, acima de tudo, à necessidade ética de construir uma docência baseada no aconchego. O diagnóstico revelou que o “eu-músico” não

se separa do “eu-docente” e do “eu-cidadão”; a autoria das composições confunde-se com a autoria pedagógica, e o fazer coletivo reforça a dimensão cidadã de uma educação comprometida com a inteireza da vida.

A Banda Meia Boca, nesse sentido, não é apenas um projeto artístico, mas a manifestação sonora de uma docência crítica e libertária, em que ensinar, pesquisar e compor se tornam expressões diferentes de uma mesma proposta formativa. E que, dessa forma, entre docência, cidadania e música, siga reverberando nosso bordão “*bora que let’s, que Rock é tudo de bom!*” que, na esfera educativa, poderia ser dito “*bora que let’s, ensinar com alegria e ousadia!*”.

REFERÊNCIAS

- Araújo, O. H., Fortunato, I., & Medeiros, E. A. de. (2023). Docência universitária: A aula como aconchego. *Diálogo Educacional*, 23(79), 1467–1478. <https://doi.org/10.7213/1981-416X.23.079.AO06>
- Delory-Momberger, C. (2016). A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, 1(1), 133–147. <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2016.v1.n1.p133-147>
- Fantin, M., & Alves dos Santos, J. D. (2021). Das linguagens midiáticas à hipótese rock-education: Por outros arranjos educativos. *Triade: Comunicação, Cultura e Mídia*, 9(20), 120–145. <https://doi.org/10.22484/2318-5694.2021v9n20p120-145>
- Fortunato, I. (2017). Tornar-se professor: Reflexões iniciais sobre um percurso paradoxal. *South American Journal of Basic Education, Technical and Technological*, 4(1), 4–9. <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/1068>
- Fortunato, I. (2018). Caminhos da formação na licenciatura: De estudante a docente. *Práxis Educacional*, 14(27), 172–185. <https://doi.org/10.22481/praxis.v14i27.2925>
- Fortunato, I. (2020). Práticas pedagógicas no ensino superior: Relato de experiências com a disciplina didática em licenciaturas. *Revista Internacional de Educação Superior*, 6, e020039. <https://doi.org/10.20396/riesup.v6i0.8655958>
- Fortunato, I. (2021). A didática na formação inicial docente: Experiências de um professor formador em (auto)formação. *Revista Internacional de Educação Superior*, 8, e022009. <https://doi.org/10.20396/riesup.v8i00.8661350>
- Fortunato, I. (2022). Escarafunchando o próprio trabalho pedagógico no Instituto Federal de São Paulo, campus Itapetininga. In L. S. Ferreira et al. (Orgs.), *Trabalho pedagógico na educação profissional e tecnológica em diferentes contextos* (pp. 105–117). CRV.
- Fortunato, I. (2023a). *Educação, escola, direitos humanos, sociedade... e docência: A autoformação alvitrada*. Edições Hipótese.
- Fortunato, I. (2023b). Frango frito, ou uma outra didática na formação de professores de Matemática. *RevIN*, 4, e023001. <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/revin/article/view/841>
- Fortunato, I. (2024). A diferença entre citar Paulo Freire e ser freiriano. In M. E. Rodriguez & I. Fortunato (Orgs.), *Ser Freiriano: Paulo Freire en la conformación del ser humano a la luz epistemológica de la praxis* (pp. 150–160). Hipótese.
- Fortunato, I. (2025). Pedagogo há 20 anos: Desafios, conflitos e possibilidades da formação. *Ponto de Vista*, 14, 1–20. <https://doi.org/10.47328/rpv.v14i1%20Ed.%20Especial.20990>
- Fortunato, I., & Rodriguez, M. E. (2024). Biopolítica, decolonización y escuela: ¿Cuál es el lugar de la enseñanza? *Espirales*, 8(1), 13–34. <https://doi.org/10.29327/2282886.8.1-2>

- Fortunato, I., Medeiros, E. A. de, & Araújo, O. H. (2024). A didática na docência: Um escrito do fundo do coração. *Ponto de Vista*, 13(3), 1–20.
<https://doi.org/10.47328/rpv.v13i3.18174>
- França, C. C. (2012). Riffs forever: O rock na sala de aula. *Música na Educação Básica*, 4(4), 70–85. <https://revistameb.abem.mus.br/meb/article/view/135/57>
- Freitas, D. L., & Martins, A. E. M. (2024). Formação omnilateral e vivências artísticas para docentes em EPT: Uma “oficina de interações musicais vocais”. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*, 3(24), e13682.
<https://doi.org/10.15628/rbept.2024.13682>
- Josso, M.-C. (2020). Histórias de vida e formação: Suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, 5(13), 40–54. <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2020.v5.n13.p40-54>
- Marcos, W. (2020). O suicídio do zé ninguém: Análise social do autoaniquilamento em uma música dos Garotos Podres. *Revista Ciências Humanas*, 13(3).
<https://doi.org/10.32813/2179-1120.2020.v13.n3.a689>
- Nóvoa, A., & Finger, M. (Orgs.). (2014). *O método (auto)biográfico e a formação* (2ª ed.). EdUFRN.
- Passeggi, M. da C., & Souza, E. C. (Orgs.). (2008). *(Auto)biografia: Formação, territórios e saberes*. Paulus.
- Rodriguez, M. E., & Fortunato, I. (2024). A educação decolonial planetária complexa como ação e subversão: Lições de Freire e Morin. *Educação em Questão*, 62(71), e35971.
<https://doi.org/10.21680/1981-1802.2024v62n71ID35971>
- Santos, F. A. (2018). Nuarte: Uma análise do projeto de extensão “Música na Escola” no campus Natal–Zona Norte–IFRN. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*, 1(14), e6967. <https://doi.org/10.15628/rbept.2018.6967>
- Silva, R. L. S. da. (2025). Revolta, fordismo periférico e a estrutura de sentimento do colapso da modernização na cena punk paulista: Apontamentos iniciais a partir de duas canções. In M. G. da Silva (Org.), *Rock e sociedade* (pp. 34–43). CLAEC eBooks.
<https://doi.org/10.23899/9786589284741>
- Snyders, G. (1994). *A escola pode ensinar as alegrias da música?* (2ª ed.). Cortez.
- Vieira, V. T., & Henning, P. C. (2012). Atravessamentos culturais e crise ambiental na atualidade: Modos ecológicos de vida no rock’n roll. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, 28. <https://doi.org/10.14295/remea.v28i0.3181>
- Zitkoski, J. J., & Streck, D. R. (2008). Que fazer. In D. R. Streck, E. Redin, & J. J. Zitkoski (Orgs.), *Dicionário Paulo Freire* (pp. 339–341). Autêntica.

CRediT Author Statement

- ☐ **Reconhecimentos:** Não se aplica.
 - ☐ **Financiamento:** Programa Institucional de Incentivo à Participação em Eventos Científicos e Tecnológicos para servidores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (PIPECT/IFSP).
 - ☐ **Conflitos de interesse:** Não se aplica.
 - ☐ **Aprovação ética:** Não se aplica.
 - ☐ **Disponibilidade de dados e material:** Não se aplica.
 - ☐ **Contribuições dos autores:** Autoria única.
-

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação
Revisão, formatação, normalização e tradução

